

A grande conspiração

A
GUERRA SECRETA
CONTRA
A RUSSIA
SOVIÉTICA

MICHAEL SAYERS
ALBERT E. KAHN

Esta obra, sobre a Rússia, que revolucionou a
condição após 20 anos de isolamento, é uma
abertura desconfiada aos aliados, que tem
além de conhecer a Rússia e o novo
movimento e os antigos internacionalistas que
são responsáveis da situação da sua pátria
e da Rússia. A. E. K. H. N. N. N. N.

Editora Brasiliense Ltda. - São Paulo

LIVRO II

**SEGREDOS DO
CORDÃO SANITÁRIO**

LIVRO II

SEGREDOS DO CORDÃO SANITÁRIO

VIII — A CRUZADA BRANCA	121
1. O fermento da segunda guerra — 2. Exodo dos rus- sos brancos — 3. Um cavaleiro de Reval — 4. O Plano Hoffmann.	

IX — A ESTRANHA CARREIRA DE UM TERRORISTA	133
1. O retorno de Sidney Reilly — 2. Um negócio como qualquer outro — 3. Domingo em Chequers — 4. O tri- bunal de Moscou, 1924.	

X — RUMO À FRONTEIRA FINLANDESA	153
1. Antibolchevismo na Broadway — 2. Agente B1 — 3.	
Cem negros em Detroit — 4. O fim de Sidney Reilly.	

CAPÍTULO VIII

A CRUZADA BRANCA

1. O fermento da segunda guerra

Terminara o primeiro *round* da guerra contra a Rússia Soviética com algo de muito parecido com um empate. O governo soviético estava na posse indisputada da maior parte de seus territórios. Mas estava hostilizado pelas demais nações, isolado por meio de um *cordão sanitário* de estadistas títeres inimigos, e desligado do intercâmbio normal político e comercial com o resto do mundo. Oficialmente, o Soviete, a sexta parte do mundo, não existia — era “não reconhecida.”

Internamente, o governo soviético enfrentava uma devastação econômica de fábricas destruídas, minas inundadas, agricultura arruinada, transportes arrebitados, miséria, fome, e analfabetismo quase universal. A herança de bancarrota do regime feudal czarista somavam-se os destroços de sete anos de guerra incessante, revolução, contra-revolução e invasão estrangeira.

O mundo exterior às fronteiras soviéticas ainda estava à procura da paz, que não achara. O estadista inglês Bonar Law, relatando as condições do mundo quatro anos após a assinatura da paz de Versalhes, comunicou à Câmara dos Comuns que não menos de 23 guerras estavam ainda soprando em diferentes regiões do mundo. O Japão ocupara regiões da China e suprimira brutalmente o movimento de independência da Coreia; as tropas britânicas estavam esmagando as rebeliões populares na Irlanda, Afeganistão, Egito e Índia; os franceses estavam empenhados numa guerra aberta às tribos drusas na Síria, que, para pesar da França, eram armadas com metralhadoras das fábricas britânicas de Metro Vickers;

o estado-maior alemão, operando por detrás da fachada da República de Weimar, conspirava para varrer os elementos democráticos alemães e ressuscitar a Alemanha imperialista.

Cada país da Europa fervilhava em conspirações febris e contraconspirações de fascistas, nacionalistas, militaristas e monarquistas, todos promovendo sua atividade sob a máscara geral de "antibolchevismo."

Um memorial secreto, redigido nesses primeiros anos de após-guerra pelo Ministério do Exterior britânico, descrevia o estado da Europa nos seguintes termos:

"A Europa está hoje dividida em três grupos principais, a saber: vencedores, vencidos e a Rússia. O sentimento de incerteza que está minando a saúde da Europa Ocidental é causado em não pequena medida pelo desaparecimento da Rússia como poder que se conte no concôrto europeu. A mais ameaçadora de nossas incertezas.

Todos os nossos recentes inimigos continuam cheios de ressentimentos do que perderam; todos os nossos aliados de há pouco estão temerosos de perder o que ganharam. Metade da Europa está perigosamente magoada, outra metade perigosamente medrosa. O medo gera provocações, armamentos, alianças secretas, maus tratos das minorias. Tudo isto por sua vez, gera maior ódio, desejo secreto de vingança, pelo qual o medo se intensifica e suas conseqüências aumentam. Estabelece-se então o círculo vicioso.

Embora a Alemanha seja no presente totalmente incapaz de retomar a agressão, é certo que com grandes possibilidades químico-militares ela voltará cedo ou tarde a ser um fator militar poderoso. Há todavia poucos alemães que esperam seriamente empregar essa força, quando readquirida, contra o Império Britânico."

Enquanto o Ministério do Exterior britânico contemplava complacentemente o rearmamento da Alemanha e voltava a sua atenção para a Rússia como para "a mais ameaçadora de nossas incertezas", além do Atlântico, entre a histeria e confusão da era post-wilsoniana, os E.U.A. sonhavam com

o “glorioso isolamento.” A grande ilusão americana do tempo resumia-se na frase “volta à normalidade.” De acôrdo com Walter Lippmann, que escrevia então para o *New York World*, a “normalidade” consistia nas seguintes crenças:

“Que o destino da América está apenas remotamente ligado com o da Europa.

Que a Europa deveria cozinhar-se no seu próprio mólho...

Que nós podemos vender à Europa sem dela comprar... e que se a Europa não gostasse, poderia vender barato em outros mercados, mas seria imprudente fazê-lo.”

Walter Lippmann concluía:

“Dêses temores e no meio dessa desordem gerou-se uma espécie de histeria. Convocações militares, tarifas malucas, diplomacia feroz e tôda variedade de nacionalismos mórbidos, fascistas e Ku-Kluxes...”

A despeito do cansaço, do desgaste da guerra e da anarquia econômica que prevaleciam na Europa, esboçavam-se novos planos de invasão militar da Rússia Soviética, assiduamente estudados pelos estados-maiores da Polônia, Finlândia, Rumânia, Iugoslávia, França, Inglaterra e Alemanha.

A frenética propaganda anti-soviética continuava.

Quatro anos após a grande guerra que deveria acabar com tôdas as guerras, existiam todos os elementos para fazer-se a II Guerra Mundial que seria dirigida contra o mundo democrático sob o *slogan* de “antibolchevismo.”

2. Êxodo dos russos brancos

Com a *débacle* dos exércitos brancos de Koltchak, Yudenitch, Denikin, Wrangel e Semyonov, a imensa e arcaica estrutura do czarismo sofrera o seu colapso final, arremessando ao longo os múltiplos e torvos elementos de selvageria, barbárie e reação que protegera durante tão longo tempo. Aven-

tureiros desapiedados, aristocratas decadentes, terroristas profissionais, militarismo, a temível política secreta e tôdas as demais forças feudais e antidemocráticas que constituíam a contra-revolução branca foram então arremessadas fora da Rússia como uma torrente suja e turbulenta. Rumo a oeste, leste, sul, pela Europa e Extremo Oriente, para a América do Norte e do Sul, ela precipitou-se levando consigo o sadismo dos generais da Guarda Branca, as doutrinas *pogromistas* dos Cem Negros, o desprezo feroz do czarismo contra a democracia, os ódios negros, os preconceitos e neuroses da velha Rússia Imperial.

Os Protocolos dos Sábios de Sião, invencionices com as quais a Ochrana incitara massacres de judeus é a Bíblia pela qual os Cem Negros explicavam todos os males do mundo em termos de uma "conspiração judaica internacional", circulavam então publicamente em Londres e Nova Iorque, Paris e Buenos Aires, Xangai e Madri.

Onde chegavam, os "emigrados" brancos fertilizavam o solo para a contra-revolução universal — o fascismo.

Em 1923 havia meio milhão de russos brancos vivendo na Alemanha. Mais de 400.000 emigraram para a França, 90.000 para a Polônia. Outras dezenas de milhares estabeleceram-se nos Estados Bálticos e Balcânicos, na China e Japão, no Canadá, E.U.A. e América do Sul. Só em Nova Iorque fixaram-se 3 mil oficiais com suas famílias.

O número total de "emigrados" russos era calculado em um milhão e meio a dois milhões, aproximadamente (28.)

Supervisionadas por uma União Militar Russa, com seu Q. G. em Paris, instalaram-se unidades armadas de russos brancos na Europa, Oriente Próximo e América. Eles anunciavam abertamente que estavam preparando uma nova invasão da Rússia Soviética.

(28) Nem todos os refugiados eram contra-revolucionários. Milhares de pessoas confusas e desorientadas, aterrorizadas por uma sublevação elementar que não podiam compreender, ajuntaram-se à massa em êxodo. Locomovendo-se de um país a outro eles procuravam desesperadamente conseguir um meio de vida num mundo novo e estranho. Alguns acabaram motoristas de táxis, porteiros, camareiros, cantores de cabarés, cozinheiros, guias. Muitos, enfrentando a fome nas cidades da Europa ocidental, tornaram-se mendigos. Os bordéis de Harbin, Xangai e Pequim encheram-se de refugiadas russas.

O governo francês formou uma escola de treinamento naval para russos brancos no pôrto norte-africano de Bizerta, para onde foram enviados 30 navios da frota czarista com a tripulação de 6.000 oficiais e marinheiros. O governo iugoslavo estabeleceu academias especiais para treinamento de ex-oficiais do exército do czar e seus filhos. Grandes destacamentos do exército do Barão Wrangel foram transferidos intactos para os Balcãs. Quatorze mil cossacos e soldados de cavalaria foram enviados para a Iugoslávia. Dezesete mil soldados brancos foram à Bulgária. Milhares de soldados estacionaram na Grécia e Hungria. Russos da Guarda Branca apoderaram-se de secções inteiras do aparelhamento da polícia no Báltico anti-soviético e nos Estados Bálticos, assumiram postos-chave no governo e tomaram o contróle de várias agências de espionagem.

Com a assistência do Marechal Pilsudski, o terrorista russo Boris Savinkov organizou um exército branco de 30.000 homens na Polónia.

O Ataman Semyonov, depois de expulso da Sibéria, fugiu com os remanescentes de seu exército para o território japonês. Suas tropas foram providas com novos uniformes e equipamentos por Tóquio, e reorganizadas num exército russo-branco especial sob a supervisão do alto comando japonês.

O Barão Wrangel, o General Denikin e o *pogromista*, Simão Petlura fixaram-se em Paris, onde se envolveram imediatamente em diversos *complots* anti-soviéticos. O General Krasnov e o Hetman Skoropadsky, que colaboraram com o exército do Kaiser na Ucrânia, foram viver em Berlim, e foram acolhidos sob as asas do serviço secreto militar alemão (29.)

(29) A carreira posterior de muitos dos generais que comandaram os exércitos estrangeiros de intervenção contra a Rússia Soviética é bem interessante. Os generais tchecos, Sirovy e Gayda, voltaram a Praga, onde o primeiro se tornou comandante do exército tcheco e o segundo, chefe do estado-maior. Em 1926, o General Gayda participou de um golpe de estado fascista abortivo e posteriormente esteve envolvido em outras conspiratas fascistas. O General Sirovy desempenhou o papel de *quisling* militar tcheco em 1938. O general britânico Knox voltou à Inglaterra para tornar-se membro *tory* do Parlamento, violento agitador anti-soviético e fundador dos Amigos da Espanha Nacionalista, agência que divulgava propaganda fascista espa-

Em 1920 um pequeno grupo de “emigrados” russos imensamente ricos, os quais mantinham enormes investimentos na França e em outros países estrangeiros, chegaram juntos a Paris e fundaram uma organização destinada a desempenhar o mais importante papel nas futuras conspirações contra a Rússia Soviética. A organização denominada Torgprom, ou Comitê Industrial Financeiro e Comercial Russo, era constituída de antigos banqueiros, industriais e homens de negócio czaristas. Entre os seus membros figuravam G. N. Nobel, que detivera um interesse preponderante nos campos petrolíferos de Bacu, na Rússia; Stepan Lianozov, o “Rockefeller Russo”, Vladimir Riabuchinsky, membro de famosa família de negociantes czaristas; N. C. Denisov, cuja imensa fortuna fôra ajuntada na indústria do aço; e outros magnatas cujos nomes eram famosos nos círculos industriais e financeiros do mundo.

Associados a êsses homens havia na Torgprom interesses britânicos, franceses e alemães que não tinham abandonado ainda a esperança de recuperar os seus capitais perdidos na Rússia ou de ganhar novas concessões como resultado da queda do regime soviético.

“A Torgprom”, declarou Desinov, o diretor da organização, “tem por objetivo combater os bolcheviques na fronteira econômica de todo modo possível.” Os membros da Torgprom estavam interessados, como dizia Nobel, “na breve ressurreição de seu país e na possibilidade de logo poderem trabalhar na pátria.”

As operações anti-soviéticas da Torgprom não se limitavam ao campo econômico. Uma declaração oficial publicada pela Torgprom anunciava:

“O Comitê Industrial e Comercial continuará sua luta sem tréguas contra o governo soviético, continuará a esclarecer a opinião pública dos países cultos acêrca da verdadeira significação dos acontecimentos que se desenrolam na Rússia e a preparar a futura revolta em nome da liberdade e da verdade.”

nhola na Inglaterra em apoio ao Generalíssimo Francisco Franco. Foch, Pétain, Weygand, Mannerheim, Tanaka, Hoffmann e outros generais intervencionistas, tornaram-se líderes de movimentos anti-soviéticos e fascistas durante o período de após-guerra.

3. Um cavaleiro de Reval

Em junho de 1921 um grupo de ex-oficiais czaristas, industriais e aristocratas convocaram uma conferência anti-soviética internacional em Reichenhalle, na Baviera. A conferência, constituída por representantes de organizações anti-soviéticas da Europa, trocou planos para uma campanha mundial de agitação contra a Rússia Soviética.

Foi eleito um "Supremo Conselho Monarquista." Sua função era trabalhar pela "restauração da monarquia, encabeçada pelo soberano legal da casa Romanov, de acôrdo com as leis fundamentais do Império Russo."

O infante Partido Nacional Socialista da Alemanha mandou um delegado à conferência. Seu nome era Alfredo Rosenberg...

Jovem, pálido, de lábios delgados, cabelos pretos e expressão cansada e pensativa, Alfredo Rosenberg começara frequentando as cervejarias de Munique no verão de 1919. Encontravam-no habitualmente na Augustinerbrau ou na Franziskanerbrau, onde se sentava sozinho durante horas a fio numa das mesas ao canto. Uma vez ou outra apareciam companheiros e então, embora êle os saudasse com pouco calor, suas maneiras se poliam, seus olhos escuros revivesciam, brilhando em sua face gizada quando êle começava a falar em voz sumida e apaixonante. Falava de modo igualmente fluente o russo e o alemão.

Rosenberg era filho de um latifundiário báltico que possuía uma grande propriedade perto do pôrto czarista de Reval. Seu pai reivindicava a linhagem dos Cavaleiros Teutônicos que tinham invadido os Estados Bálticos na Idade Média; e o jovem Rosenberg considerava-se altivamente como um germânico. Antes da Revolução na Rússia êle estudara arquitetura no Polytechnikum em Moscou. Fugira do território soviético quando os bolchevistas tomaram o poder e ingressara nas fileiras dos terroristas da Guarda Branca lutando sob o comando do General-Conde Ruediger von der Goltz na área báltica. Em 1919 Rosenberg regressara a Munique com a cabeça cheia das doutrinas antidemocráticas e anti-soviéticas dos Cem Negros.

Um pequeno grupo de “emigrados” da Guarda Branca e de barões destituídos do Báltico começou a reunir-se regularmente em Munique, para ouvir as tiradas intensas e venenosas de Rosenberg contra os comunistas e judeus. Essas reuniões usualmente incluíam o Príncipe Avalov-Bermond, amigo de Rasputin, que fôra o mais brutal comandante da Guarda Branca do General von der Goltz na área báltica; os Barões Schneuber-Richter e Arno von Schickedanz, dois aristocratas bálticos decadentes e insensíveis e Ivan-Poltavetz Ostranitz, um *pogromista* ucraniano, que fôra ministro das Comunicações no govêrno ucraniano títere do czar e o Hetman Paul Skoropadsky. Esses homens partilhavam das opiniões dos Cem Negros de Rosenberg acêrca da decadência da democracia e da conspiração internacional dos judeus.

“No fundo todo judeu é um bolchevique” era o tema constante das tiradas de Rosenberg.

Da cabeça negramente torturada de Alfredo Rosenberg, de seu ódio patológico aos judeus e de sua frenética inimizade contra os soviéticos ia-se desenvolvendo gradualmente uma filosofia mundial de contra-revolução, composta de preconceitos fanáticos da Rússia czarista e de ambições imperialistas da Alemanha. A salvação do mundo ameaçado pela “democracia judaica decadente e pelo bolchevismo”, escreveu Rosenberg no *Mito do século XX*, devia começar na Alemanha, com a criação de um novo Estado Germânico. “É dever do fundador do novo Estado”, acrescentava, “formar uma associação de homens nos moldes da Ordem Teutônica.”

Competia a uma raça de super-homens germânicos levar avante a tarefa da conquista do mundo: “O sentido da história mundial irradiou do Norte, fruto de uma raça loura de olhos azuis que através de várias ondulações determinou a face espiritual do mundo.”

A idéia de uma santa cruzada contra a Rússia Soviética dominava toda a literatura de Rosenberg. Ele suspirava pelo dia apocalíptico em que os exércitos poderosos da nova “Ordem Teutônica” arremettessem pelas fronteiras russas esmagando os bolchevistas odiosos. “O rumo é do oeste para leste”, declarava êle, “do Reno para o Weichsel, devendo ressoar do oeste para leste, de Moscou a Toms.”

A Alemanha estava passando o seu período de crise amarga de após-guerra, desemprego de massas, inflação sem

precedentes e fome disseminada. Atrás da fachada democrática da República de Weimar, estabelecida em conluio com o alto comando alemão depois da supressão sangrenta dos soviets germânicos de trabalhadores e soldados, uma cabala de militaristas prussianos, *junkers* e *magnatas* da indústria planejavam furtivamente o renascimento e expansão da Alemanha Imperial.

Desconhecido do resto do mundo o programa do futuro rearmamento da Alemanha ia sendo cuidadosamente esboçado por centenas de engenheiros, desenhistas e técnicos especialistas, trabalhando sob as vistas do alto comando alemão, num laboratório secreto de pesquisas e planejamento construído pela firma de Borsig numa floresta fora de Berlim.

Supunha-se que o serviço secreto militar alemão, *Secção III, B*, tinha sido dissolvido ao terminar a guerra. Nessa época, entretanto, êle estava reorganizado com pródigos fundos, supridos por Krupp, Hugenberg e Thyssen, e funcionava diligentemente sob as vistas de seu antigo chefe, o anti-semita Coronel Walther Nicolai.

Os planos para a nova guerra da Alemanha estavam sendo elaborados com paciência e minúcia...

Entre os principais contribuintes financeiros para a campanha secreta de rejuvenescimento do imperialismo germânico figurava um industrial suave e enérgico de nome Arnold Rechberg. Antigo ajudante pessoal do príncipe herdeiro e amigo íntimo dos membros do antigo Comando Imperial, Rechberg associara-se ao grande truste germânico de potassa. Era êle um dos principais promotores das ligas secretas alemãs, nacionalistas e anti-semíticas. Foi no desempenho dessas funções que conheceu Alfredo Rosenberg. Tomado de imediata simpatia pelo fanático contra-revolucionário de Reval, Rechberg apresentou-o a outro de seus protegidos, um agitador austríaco de 30 anos, espião da Guarda do Reich de nome Adolfo Hitler.

Rechberg já estava providenciando fundos para comprar uniformes e enfrentar várias outras despesas do Partido Nazi de Adolfo Hitler. Êle e seus amigos endinheirados tinham comprado um obscuro jornal, o *Voelkischer Beobachter*, e transferiram-no para o movimento nazi. A publicação tornou-se o órgão oficial do Partido Nazista. Como seu editor, Hitler apontou Alfredo Rosenberg...

No dia do Ano Novo de 1921, dez dias depois de o *Voelkischer Beobachter* se ter transformado em propriedade dos nazis, o jornal esboçou a política exterior fundamental do partido de Hitler:

“E quando vier o tempo e a tormenta desabar sobre as fronteiras orientais da Alemanha, será a ocasião de reunir centenas de milhares de homens dispostos a sacrificar suas vidas ali... Os que estiverem determinados a se arriscar a tudo devem estar preparados ante a atitude dos judeus ocidentais... que levantarão suas vozes aflitas quando os judeus orientais forem atacados... O que é certo é que o exército russo será repellido para além de suas fronteiras depois de uma segunda Tannenberg. Isto é uma questão puramente germânica e marcará o verdadeiro começo de nossa reconstrução.”

O editorial fôra escrito por Alfredo Rosenberg.

Do abismo do czarismo feudal e do imperialismo alemão renascido no século XX ia tomando forma o Nazismo...

4. O Plano Hoffmann

Alfredo Rosenberg tinha a função de elaborar a ideologia política do partido nazi alemão. Outro amigo de Rosenberg, o General Max Hoffmann, fôra encarregado da estratégia militar.

Hoffmann passara grande parte de sua mocidade na Rússia como adido à corte do czar. Chegara a falar russo mais fluentemente do que o alemão. Em 1905, com 35 anos era capitão e fôra indicado ao estado-maior do General von Schillieffen. Antes servira como oficial de ligação com o I Exército japonês na guerra russo-japonesa de 1904-1905. Hoffmann nunca se esqueceu de que vira nas planícies da Manchúria — um *front* que parecia sem fim e uma força atacante compacta, perfeitamente treinada, cortando como “faca na manteiga”, um exército de defesa muito mais numeroso, possuidor de enormes reservas, porém mal conduzido.

No comêço da I Guerra Mundial, Hoffmann foi apontado como chefe das operações do 8.º Exército alemão estacionado na Prússia Oriental para enfrentar o esperado ataque russo. A estratégia teve como resultado a *débaçle* czarista em Tannenberg e fôï creditada mais tarde pelas autoridades militares não a Hindenburg ou Ludendorff, mas a Hoffmann. Depois de Tannenberg, Hoffmann tornou-se o comandante das forças germânicas na fronteira oriental. Ele presenciou o colapso do exército imperial russo. Em Brest-Litovsk, ditou os termos de paz à delegação soviética.

Em duas guerras, Hoffmann vira o exército russo em ação e de ambas as vêzes presenciara sua esmagadora derrota. O Exército Vermelho, na opinião de Hoffmann, era apenas o velho exército russo "decomposto numa população."

No comêço da primavera de 1919, o General Max Hoffmann apresentara-se pessoalmente à Conferência de Paz em Paris com um plano recém-acabado de uma marcha sôbre Moscou encabeçada pelo exército alemão. Do ponto de vista de Hoffmann o seu plano tinha dupla vantagem: não só "salvaria a Europa do bolchevismo"; mas salvaria também o exército imperial alemão impedindo a sua dissolução. Uma forma modificada dêste plano fôra endossada pelo Marechal Foch.

Aos 22 de novembro de 1919, o General Hoffmann declarou numa entrevista com o *London Daily Telegraph*: "Durante os dois anos passados eu cheguei pessoalmente à conclusão de que o bolchevismo é o maior perigo que já ameaçou a Europa desde há séculos..." As memórias de Hoffmann, *A Guerra das Oportunidades Perdidas*, deploram a não realização da marcha sôbre Moscou conforme a concepção original de seu plano.

Em seguida à visita ao General Hoffmann em Berlim em 1923, o embaixador britânico Lord d'Abernon recordava em seu diário diplomático:

"Tôdas as suas opiniões são orientadas pela sua concepção geral de que nada irá direito no mundo enquanto as potências civilizadas ocidentais não se reunirem e decapitarem o govêrno soviético... Interrogado sôbre a possibilidade de uma união entre a França, Alemanha e Inglaterra para atacar a Rússia, êle replicou: "Isso é uma necessidade! Isso terá de vir!"

Nos anos de após-guerra, depois do fiasco da intervenção armada contra a Rússia Soviética, Hoffmann apresentou uma nova versão do seu plano, e começou a divulgá-lo em forma de um memorando confidencial aos estados-maiores europeus. O memorando imediatamente despertou vivo interesse nos crescentes círculos pró-fascistas da Europa. O Marechal Foch e o seu chefe de estado-maior, Pétain, que eram ambos íntimos e pessoais amigos de Hoffmann, expressaram sua calorosa aprovação ao plano revisto. Entre as outras personalidades que endossaram o plano figuravam Franz von Papen, o General Barão Karl von Mannerheim, o Almirante Horthy e o diretor do serviço secreto naval inglês, Almirante Sir Barry Domville.

O plano em suas versões posteriores, conquistou o apoio de grande e poderosa porção do alto comando alemão, embora apresentasse um afastamento radical da escola tradicional bismarckiana da estratégia política e militar alemã (30.)

Projetava uma aliança alemã com a França, Itália, Inglaterra e Polônia, baseada numa causa comum contra a Rússia Soviética. Estrategicamente, no dizer de um previdente comentador europeu, Ernest Henri, no seu livro *Hitler contra a Rússia*, o plano apelava para a concentração de novos exércitos sobre o Vístula e o Dvina, conforme o estilo de Napoleão; marcha ligeira, sob o comando alemão, perseguição das hordas bolcheviques; ocupação de Leningrado e Moscou no curso de poucas semanas; limpeza final do país até os Urais — e assim, a salvação da velha civilização com a conquista de meio continente.

A Europa inteira, sob o comando alemão, deveria mobilizar-se e atirar-se contra a União Soviética.

(30) A princípio o General Hans von Seeckt, comandante da Guarda do Reich Alemão opôs-se. Seeckt sonhava com uma guerra de *revanche* contra o Ocidente, na qual ele tinha esperança de poder se utilizar das matérias-primas e da mão-de-obra da Rússia. Acreditava poder chegar a termos com os elementos de posição no Exército Vermelho e no governo soviético. Mais tarde, Seeckt deu o seu apoio ao plano e fez-se nazista.

CAPÍTULO IX

A ESTRANHA CARREIRA DE UM TERRORISTA

1. O retôrno de Sidney Reilly

Berlim, dezembro de 1922. Um oficial naval alemão e um funcionário do serviço britânico palestravam na burburinhante sala-de-estar do famoso Hotel Adlon com uma jovem, bonita e elegante mulher. Era uma estrêla da comédia musical de Londres, Pepita Bobbadilla, conhecida por Mrs. Chambers, viúva do famoso dramaturgo britânico, Haddon Chambers. Veio à tona o assunto da espionagem. O inglês começou a falar das extraordinárias façanhas de um agente do serviço secreto britânico na Rússia Soviética ao qual êle se referiu como a um Mr. C. O alemão conhecia a reputação de Mr. C. E regalaram-se mutuamente com a narrativa das suas fabulosas aventuras. Finalmente incapaz de conter sua curiosidade, Mrs. Chambers perguntou: "Quem é êsse Mr. C.?"

— Eu lhe conto, Mrs. Chambers, êsse Mr. C. é um homem misterioso. O mais misterioso da Europa. E de passagem poderia dizer que sua cabeça vale mais do que a de qualquer outro homem vivo... Os bolcheviques dariam uma província para tê-lo vivo ou morto... Vive constantemente em perigo. Representava nossos olhos e nossos ouvidos na Rússia e, entre nós, êle sozinho é o responsável por não ter sido o bolchevismo um perigo maior para a civilização ocidental do que até agora foi.

Mrs. Chambers estava impaciente para ouvir mais coisas sobre o misterioso Mr. C. Seu companheiro sorria. — Eu o

vi esta tarde — disse o inglês. — Está hospedado aqui no Hotel Adlon...

Nessa mesma tarde Mrs. Chambers teve o seu primeiro deslumbramento ao ver Mr. C. Ele era, escreveu depois, "uma figura bem posta e bem trajada", com "a face magra um tanto sombria" e "uma expressão que poderia quase parecer sardônica, a expressão de um homem que rira na cara da morte, não uma vez, mas muitas." Mrs. Chambers apaixonou-se por ele à primeira vista.

Foram apresentados. Mr. C. falou a Mrs. Chambers, nessa noite, "do estado da Europa, da Rússia, da Tcheka, sobretudo da "ameaça do bolchevismo." Fêz-lhe a confidência do seu nome real: Capitão Sidney George Reilly...

Após o fiasco de sua conspirata em 1918 contra os soviets, Sidney Reilly fôra enviado a Rússia novamente pelo secretário britânico de Guerra, Winston Churchill, para ajudar a organizar o serviço de espionagem do General Denikin. Reilly também atuou como ligação entre Denikin e seus vários aliados anti-soviéticos europeus. Durante 1919 e 1920, o espião britânico trabalhara diligentemente em Paris, Varsóvia e Praga, organizando exércitos anti-soviéticos e agências de espionagem e sabotagem. Posteriormente serviu como agente semi-oficial para alguns milionários czaristas "emigrados", inclusive seu velho amigo e amo, o Conde Tchubersky. Um dos mais ambiciosos projetos que Reilly ajudara a efetivar durante esse período foi o Torgprom, cartel dos industriais czaristas "emigrados" e de seus parceiros anglo-franceses e alemães.

Como resultado de suas operações financeiras, Reilly reunira considerável fortuna pessoal e exercia a direção de numerosas firmas outrora associadas com os grandes negócios russos. Ele desenvolvera importantes contactos internacionais, e contava entre os seus amigos pessoais Winston Churchill, o General Max Hoffmann e o chefe do estado-maior finlandês, Wallenius.

O ódio fanático do espião britânico contra a Rússia Soviética, não diminuía. A destruição do bolchevismo era então o motivo determinante de sua vida. Seu interesse apaixonado por Napoleão, pela possível conquista da Rússia, levava-o a tornar-se um dos mais entusiásticos colecionadores de literatura sobre o corso. O valor de sua coleção mon-

tava a dezenas de milhares de dólares. A personalidade do *petit-caporal* fascinava-o.

“Um tenente de artilharia calcou aos pés as cinzas da Revolução Francesa,” dizia Sidney Reilly. “E não poderia um agente britânico de espionagem, com tantos fatores a seu favor, assenhorear-se de Moscou?”

Aos 8 de maio de 1923 Mrs. Chambers desposava o Capitão Sidney Reilly no cartório de Registro da Rua Henrietta, Convent Garden, em Londres. O Capitão George Hill, antigo cúmplice de Reilly nos dias de Moscou, serviu de testemunha.

Mrs. Chambers começou logo a participar das intrigas fantásticas da vida de seu marido. Mais tarde escreveu:

“Gradualmente eu me fui iniciando nesses estranhos processos por detrás dos bastidores da política européia. Apreendi como debaixo da superfície de toda capital européia fervilhava a conspiração dos exilados contra os tiranos atuais do seu país. Em Berlim, em Praga, em Paris, em Londres mesmo, pequenos grupos de exilados reuniam-se, planejavam, conspiravam. Em Helsingfors (Helsínque) estava fervendo a contra-revolução, financiada e urdida por vários governos da Europa. Nesse movimento Sidney estava intensamente interessado, dedicando muito tempo e dinheiro à causa.”

Um dia uma visita misteriosa se apresentou ao apartamento de Sidney Reilly em Londres. A princípio apresentou-se como “Mr. Warner.” Tinha uma grande barba preta que lhe encobria quase todo o rosto, maxilar proeminente, olhos frios de um azul de aço. Era um homem enorme, e seus longos braços soltos caíam quase até aos joelhos. Entregou suas credenciais. Estas incluíam um passaporte britânico, um documento escrito e assinado em Paris pelo líder social-revolucionário, Boris Savinkov, e uma carta de apresentação de um destacado estadista britânico.

— Ficarei em Londres cerca de uma semana — disse a Reilly o visitante — conferenciando com o Ministro do Exterior.

"Mr. Warner" revelou então a sua identidade. Seu nome real era Drebkov e fôra êle o líder de um dos grupos dos "Cinco" no movimento conspiratório anti-soviético de Reilly na Rússia em 1918. Atualmente êle era o cabeça de uma organização subterrânea russo-branca em Moscou.

— Era uma bela organização que tinhas na Rússia, Capitão Reilly — disse Drebkov. — Nós a reestruturamos! Estamos novamente na luta! Todos os antigos agentes lá estão. Lembra-te de Balkov? Está conosco. Mais dia, menos dia, nós derribaremos os peles-vermelhas e o bom tempo há de voltar. Mas sabes como somos nós os russos. Nós planejam, planejam, construímos uma bela conspiração após outra, discutimos entre nós mesmos acêrca de pormenores insignificantes, e uma linda oportunidade escorrega após outra, e nada feito! Bolas! Drebkov chegou ao assunto de sua visita. — Nós precisamos de um *homem* na Rússia, Capitão Reilly — disse êle, um homem capaz de ordenar e realizar, cujas ordens não se discutam, um homem que seja chefe, um ditador, se quiseres, como Mussolini o é na Itália, um homem que recomponha as rixas que desunem nossos amigos e o faça com mão de ferro, soldando-nos sob a arma que fira no coração os atuais tiranos da Rússia!

— Que me conta de Savinkov? — perguntou Reilly. — Ele está em Paris, é um legítimo homem na tua acepção, um homem realmente grande, um organizador e líder nato!

Mrs. Reilly, recordando a entrevista em suas memórias escreveu:

"Eu pude ler no tom de voz de Reilly quão grande era o sacrifício que êle fazia em confiar êsse assunto a Savinkov, o líder russo que êle admirava tão profundamente."

2. Um negócio como qualquer outro

Boris Savinkov, que em 1924 era sèriamente considerado nos círculos políticos mais íntimos do Down Street e Quai d'Orsay como o futuro ditador da Rússia, era sob muitos aspectos um dos homens mais notáveis que haviam emer-

gido do caos que se seguiu ao colapso da velha Rússia. Um homem franzino, pálido, calvo, de fala mansa, habitualmente trajado de modo impecável, de sobrecasaca e botas do melhor couro, Savinkov parecia mais o "gerente de um banco", como Somerset Maugham disse uma vez, do que o famoso terrorista e impiedoso contra-revolucionário que na realidade era. Seus talentos eram múltiplos e variados. Winston Churchill, a quem Savinkov foi apresentado pela primeira vez por Sidney Reilly, descreveu mais tarde o terrorista russo em seu livro *Grandes Contemporâneos* como o homem que ostenta "a sabedoria de um estadista, as qualidades de um comandante, a coragem de um herói e a obstinação de um mártir." "A vida de Savinkov", acrescentava Churchill, "fôra despendida em conspirar."

Quando jovem, na Rússia czarista, Savinkov fôra membro influente do Partido Social-Revolucionário. Juntamente com quatro outros líderes encabeçava a organização de luta do Partido, um Comitê terrorista especialmente encarregado do assassinio de oficiais czaristas. O Grão-duque Sergei, tio do czar, e o ministro do Interior, V. K. Plehve, figuraram entre os oficiais czaristas mortos pela Organização de Luta no começo de 1900 (31.)

Após o fracasso da primeira tentativa para derribar o czarismo em 1905, Boris Savinkov ficou um tanto desiludido com a vida de revolucionário. Começou a se entregar à literatura. Escreveu uma sensacional novela autobiográfica, *The Pale Horse*, na qual descreveu o seu papel nos assassinios de Plehve e do Grão-duque Sergei. Relatou como,

(31) O verdadeiro líder da Organização de Luta era Ievno Aseff um dos mais extraordinários *agentes provocadores* da história. Espião a serviço da polícia secreta czarista, Aseff — traindo alternadamente revolucionários e terroristas — ocupava-se então dos planos de assassinio do Grão-duque Sergei Plehve, e outros oficiais czaristas. Seu único interesse era o dinheiro; e ele auxiliava nessas matanças porque sabia que essas tarefas o habilitariam a solicitar grandes somas do Partido Social-Revolucionário. Naturalmente ele mantinha a polícia secreta czarista na ignorância da parte que tomava em tais mortes.

Outro líder social-revolucionário que trabalhava unido a Savinkov o Aseff era Vitor Chernov. Como Savinkov, Chernov tornou-se mais tarde muito ativo no trabalho anti-soviético. Chegou aos E.U.A. em 1940 e, na época em que escrevemos ainda se conserva neste país, onde forma especialistas de propaganda anti-soviética.

disfarçado num agente britânico, com um passaporte forjado e “três quilos de dinamite sob a mesa,” se instalou numa pequena casa de uma travessa russa, esperando dia após dia que a carruagem do grão-duque descesse pela rua.

Anos depois, durante a I Guerra Mundial, quando o novelista britânico, Somerset Maugham, foi enviado à Rússia pelo serviço secreto britânico para estabelecer contacto com Savinkov (32), êle perguntou ao terrorista russo se não precisara de muita coragem para efetuar essas mortes. Savinkov replicou: “Nem tanta, creia-me. É um negócio como qualquer outro. A gente se acostuma com isso.”

Em junho de 1917, Boris Savinkov, assassino profissional e novelista, foi apontado por Kerensky, por sugestão de seus conselheiros aliados, para o cargo de comissário político do 7.º Exército na fronteira da Galícia. As tropas desse grupo do exército vinham-se amotinando contra o governo provisório e acreditava-se que seriam necessários métodos violentos como os de Savinkov para solucionar a situação. Savinkov dominou o motim. Certa ocasião, informou-se que êle matara com suas próprias mãos os delegados de um conselho de soldados bolcheviques...

A instâncias de Savinkov, Kerensky fez o General Kornilov comandante-chefe dos Exércitos Russos. O próprio Savinkov foi indicado como ministro-assistente da Guerra. Êle já estava atuando como agente secreto do governo francês e conspirava para derribar o regime de Kerensky e estabelecer uma ditadura militar sob o poder de Kornilov.

Depois da Revolução Bolchevique, Savinkov chefiou um levante anti-soviético em Iaroslav financiado secretamente pelos franceses e apazado para coincidir com o golpe de estado de Sidney Reilly em Moscou. As forças de Savinkov foram derrotadas pelo Exército Vermelho e êle mal escapou vivo. Fugindo do país, tornou-se um dos representantes diplomáticos dos russos brancos na Europa. Como escreveu Winston Churchill em *Grandes Contemporâneos*: “Responsável

(32) No prefácio do seu livro *O Agente Britânico*, Somerset Maugham descreve sua principal tarefa na Rússia como segue: “Em 1917 eu cheguei à Rússia. Fui enviado para impedir a Revolução Bolchevique e manter a Rússia na guerra.” Maugham acrescenta: “O leitor verá que meus esforços não surtiram efeito.”

por tôdas as relações com os aliados e com os não menos importantes Estados Bálticos e fronteiriços que formavam nessa época o *Cordão Sanitário* do oeste, o ex-niilista desenvolvia tôda a sua capacidade, quer dando ordens, quer intrigando.”

Em 1920 Savinkov dirigiu-se para a Polônia. Com o auxílio de seu bom amigo Marechal Pilsudski, reuniu uns 30 mil oficiais e homens, armou-os e começou a treiná-los, preparando-os para outro assalto contra a Rússia Soviética.

Subseqüentemente, Savinkov levou o seu Q. G. para Praga. Ali, trabalhando ativamente com o fascista tcheco General Gayda, Savinkov criou uma organização conhecida como Guardas Verdes, composta em grande parte de ex-oficiais czaristas e terroristas contra-revolucionários. Os Guardas Verdes lançaram uma série de investidas através das fronteiras soviéticas, roubando, pilhando, queimando granjas, massacrando trabalhadores e camponeses e assassinando os funcionários soviéticos locais. Nessa atividade Savinkov teve a estreita cooperação de várias agências do serviço secreto europeu.

Um dos auxiliares de Savinkov, um terrorista social-revolucionário chamado Fomitchov, estabeleceu uma filial do aparelho conspiratório e terrorista de Savinkov em Vilna, a antiga capital da Lituânia, que fôra tomada pelos poloneses em 1920. O grupo de Fomitchov, com o auxílio do serviço secreto polonês, começou formando células secretas no território soviético para desenvolver o trabalho de espionagem e ajudar os grupos terroristas enviados da Polônia, e equipados com armas, dinheiro e documentos falsos das autoridades polonesas.

Mais tarde, numa carta ao *Izvestia* aos 7 de setembro de 1924, Fomitchov deu a seguinte descrição das operações efetuadas por seu grupo:

“Quando êsses espíões e destacamentos voltavam, depois dos crimes que tinham sido incumbidos de perpetrar, era eu o intermediário entre êles e as autoridades polonesas, era eu que entregava a estas os documentos roubados e o material de espionagem. Assim é que os destacamentos de Sergei Pavlovsky, Trubnikov, Monitch, Daniel, Ivanov e outros destacamentos menores como ainda espíões e terroristas indi-

viduais, foram enviados à Rússia Soviética. Entre outras coisas, lembro-me de que o Coronel Svejevsky foi enviado à Rússia em 1922 com a incumbência de matar Lênin...”

Os métodos impiedosos de Savinkov, sua personalidade magnética e raro talento de organização asseguraram um apoio tremendo aos “emigrados” russo-brancos e estadistas europeus que ainda sonhavam com a derrocada do governo soviético. Às vezes, entretanto, essas pessoas sentiam um ligeiro embaraço ao se recordarem de Savinkov. Em Paris, em 1925, quando Churchill negociava com o ex-primeiro-ministro czarista Sazonov, veio à tona a questão de Savinkov. Churchill descreveu mais tarde o incidente em *Grandes Contemporâneos*:

“Como vos entendeis com Savinkov?” perguntou Churchill. O ex-primeiro-ministro czarista fez com as mãos um gesto de súplica. “Ele é um assassino! Chego mesmo a espantar-me de trabalhar com ele! Mas que fazer? Ele é um homem competente, cheio de recursos e resolução. Ninguém tão bom!”

3. Domingo em Chequers

Em 1922 a fome grassava nas regiões desoladas da Rússia, e parecia inevitável o colapso iminente do governo soviético. Estadistas europeus, russos brancos emigrados e oposicionistas políticos exilados esboçavam diligentemente pactos secretos e organizavam gabinetes russos prontos para assumir o encargo no momento oportuno. Intensas discussões se realizavam acerca do possível ditador russo. O Capitão Sidney Reilly trouxe Savinkov a Winston Churchill.

Churchill andava intrigado desde há tempos com a personalidade desse “assassino literário”, como o chamava. Concordando com Reilly em que Savinkov era um homem “para se incumbir do comando de grandes façanhas”, decidiu-se a apresentá-lo ao primeiro-ministro britânico, Lloyd George. Conseguiu-se uma conferência confidencial que se efetuariu em Chequers, na casa de campo do primeiro-ministro.

Churchill e Savinkov dirigiram-se juntos para Chequers. "Era um domingo" relata Churchill em *Grandes Contemporâneos*, "o primeiro-ministro estava atendendo vários chefes religiosos da Igreja Livre e cercado de um grupo de cantores de Gales que tinham viajado de seu principado para prestar-lhe homenagens corais. Durante várias horas cantaram hinos de Gales do modo mais encantador. Em seguida tivemos o nosso encontro."

Mas Lloyd George não estava inclinado a ficar mal visto com ter Boris Savinkov sob a proteção do governo britânico. Na sua opinião "as coisas iam mal" na Rússia. A experiência bolchevique — controle socialista das indústrias do país — falhara por certo. Os líderes bolcheviques "em face das responsabilidades do atual governo", ou desistiriam de suas teorias comunistas ou, "como Robespierre e S. Just (sic), desentender-se-iam uns com os outros e cairiam do poder."

Quanto à "ameaça mundial de bolchevismo", com a qual Churchill e o serviço secreto britânico pareciam andar preocupados, tal coisa simplesmente não existia, declarou Lloyd George...

"Senhor primeiro-ministro", observou Boris Savinkov com sua manobra grave e formal, quando Lloyd George acabou: "V. Exa. me permitirá a honra de observar que depois da queda do Império Romano começou a Idade Média!"

4. O tribunal de Moscou, 1924

A morte de Lênin aos 21 de janeiro de 1924, suscitou fervorosas esperanças na mente de Reilly. Seus agentes na Rússia relataram que os elementos de oposição dentro do país estavam intensificando grandemente os seus esforços para atingir o poder. Dentro do próprio Partido Bolchevique agudas divergências vinham se manifestando e parecia haver possibilidades de aproveitar uma brecha real. Do ponto de vista de Reilly, era um momento altamente estratégico para a luta.

Reilly convencera-se de que os seus velhos planos de restauração do czarismo estavam superados. A Rússia abandonara o czarismo. Reilly acreditava que se deveria resta-

belecer uma ditadura baseada nos camponeses ricos (kulaks) e várias forças militares e políticas hostis ao governo soviético. Ele estava convicto de que Boris Savinkov era o homem ideal para introduzir na Rússia a espécie de regime que Mussolini encabeçava na Itália. O espião britânico viajava de uma capital européia para outra, procurando persuadir os serviços secretos e os estados-maiores a apoiarem a causa de Savinkov.

Um dos personagens mais importantes para ser aproveitado na campanha anti-soviética nesse tempo era Henri Wilhelm August Deterding, holandês do nascimento e cavaleiro do Império Britânico, chefe do grande truste internacional britânico, Royal Dutch Shell. Deterding estava destinado a tornar-se o mais famoso sustentáculo financeiro do mundo e o intérprete da causa anti-soviética nos grandes negócios...

Através dos esforços de Reilly, o rei britânico do petróleo interessou-se pela Torgprom, a organização dos milionários czaristas emigrados. De Lianovoz o Montachev em Paris e outro membro da Torgprom na Europa, Deterding adquiriu os direitos sobre alguns dos mais importantes campos petrolíferos na Rússia Soviética. Em comêço de 1924, sem ter podido conseguir o controle do petróleo soviético por pressão diplomática, o rei britânico do petróleo, declarou-se pessoalmente o "proprietário" do petróleo russo e denunciou o regime soviético como ilegal e fora do âmbito da civilização. Com os imensos recursos de sua riqueza, influência e inúmeros agentes secretos, Henri Deterding declarou guerra à Rússia Soviética com intenção clara de se apoderar dos ricos poços de petróleo do Cáucaso.

A intervenção de Deterding deu novo impulso à campanha de Sidney Reilly. O espião britânico traçou prontamente um plano concreto de ataque à Rússia Soviética e o entregou aos membros interessados dos estados-maiores europeus. O plano, uma variante do Plano Hoffmann, incluía a ação tanto militar quanto política.

Politicamente, o Plano Reilly encarava uma contra-revolução na Rússia, desencadeada por elementos secretos de oposição, em conjunto, com os terroristas de Savinkov. Logo que a contra-revolução estivesse em andamento, iniciar-se-ia a fase militar. Londres e Paris denunciariam formalmente o governo soviético e reconheceriam Boris Savinkov como ditador

da Rússia. Os exércitos brancos estacionados na Iugoslávia e Rumânia cruzariam a fronteira soviética. A Polônia marcharia sobre Kiev. A Finlândia bloquearia Leningrado. Simultaneamente haveria uma revolta armada no Cáucaso liderada pelos companheiros do menchevique georgiano, Noi Jordania (33.)

O Cáucaso seria separado do resto da Rússia, estabelecendo-se uma Federação Transcaucásica "independente", sob auspícios anglo-franceses, e os poços petrolíferos e oleodutos voltariam aos seus ex-donos estrangeiros.

O Plano Reilly conseguiu a aprovação e endosso dos líderes antibolcheviques, dos estados-maiores francês, polonês e rumeno. O ministro do Exterior britânico estava definitivamente interessado no projeto de separar o Cáucaso da Rússia. O ditador fascista italiano, Benito Mussolini, convocou Boris Savinkov a Roma para uma conferência especial. Mussolini queria encontrar-se com o "ditador russo." Ele prontificou-se a prover os agentes de Savinkov com passaportes italianos para facilitar sua viagem à Rússia enquanto se preparava o ataque. Além do que o Duce prontificou-se a dar instruções a suas delegações fascistas e à polícia secreta, a OVRA, a fim de prestarem a Savinkov toda assistência possível...

Conforme as palavras de Reilly, "uma grande conspiração contra-revolucionária estava em vias de acabamento."

Em agosto de 1924, depois de uma longa discussão final com Reilly, Boris Savinkov, munido de um passaporte italiano, partiu para a Rússia. Foi acompanhado de alguns auxiliares de confiança e tenentes dos seus Guardas Verdes. Uma vez atravessada a fronteira soviética, ele tinha de fazer uns preparativos de última hora para o levante geral. Toda precaução tinha de ser tomada para que a identidade de Savinkov não fôsse descoberta, caso contrário a sua vida estaria em perigo. No momento em que ele alcançasse os territórios soviéticos, teria de encontrar-se com representantes

(33) Em 1918 Noi Jordania chefiara um governo títere alemão no Cáucaso. Em 1919 os ingleses expulsaram os alemães e Jordania tornou-se o cabeça de uma federação transcaucásica em Paris. O governo francês pusera à sua disposição um subsídio de 4 milhões de francos.

do movimento subterrâneo branco que obtivera adesões entre os oficiais soviéticos nas cidades da fronteira. Savinkov devia mandar uma mensagem a Reilly, por correio secreto, logo que chegasse.

Dias passaram-se e nem uma palavra de Savinkov. Em Paris, Reilly esperava com crescente impaciência e ansiedade, impossibilitado de fazer o menor movimento enquanto o correio não chegasse. Passou-se uma semana. Duas semanas.

No dia 28 de agosto estourou o levante planejado no Cáucaso. Ao amanhecer, um destacamento armado dos homens de Noi Jordania atacou a cidade ainda adormecida de Tschiatyury, na Geórgia, assassinou os oficiais do Soviete local e se apoderou da cidade. Terrorismo, morte e bombardeio percorreram todo o Cáucaso. Houve tentativas para tomar os campos petrolíferos...

No dia seguinte, Reilly descobriu o que acontecera a Boris Savinkov. A 29 de agosto de 1924 o jornal soviético, *Izvestia*, anunciou que "o ex-terrorista e contra-revolucionário Boris Savinkov" fôra prêso pelas autoridades soviéticas "depois de uma tentativa de entrada secreta pela fronteira soviética".

Savinkov e seus auxiliares cruzaram a fronteira vindos da Polônia. No solo soviético encontraram-se com um grupo de homens que tomaram por cúmplices, sendo conduzidos a uma casa em Minsk. Logo depois de sua chegada um oficial soviético apareceu para comunicar que a casa estava cercada. Savinkov e seus companheiros tinham caído numa armadilha.

O levante no Cáucaso teve destino igualmente desastroso. Os montanheses, que os contra-revolucionários contavam como aliados, ergueram-se em defesa do regime soviético. Juntamente com os operários das minas, eles defenderam as ferrovias, oleodutos e campos petrolíferos até chegarem as tropas soviéticas regulares. Houve combates esporádicos durante algumas poucas semanas. Mas estava patente desde o início que as autoridades soviéticas detinham a situação nas mãos. O *New York Times* relatou em 13 de setembro de 1924 que o levante caucásico "vinha sendo financiado e dirigido de Paris" por "magnatas poderosos" e "ex-proprietários dos poços petrolíferos de Bacu." Poucos dias depois os re-

manescentes do exército contra-revolucionário de Jordania foram cercados e capturados pelas tropas soviéticas.

A prisão de Savinkov e o colapso do levante caucásico constituíram um desapontamento amargo para Sidney Reilly e seus amigos. Mas o julgamento público de Savinkov, realizado logo após em Moscou, foi o maior golpe de todos. Para horror e estupefação de muitos personagens implicados em sua conspirata, Boris Savinkov pôs-se a relatar os pormenores de toda a conspiração. Informou calmamente ao tribunal soviético que ele previa tudo ao encaminhar-se para a armadilha quando cruzou a fronteira soviética. — Fizestes um bom serviço ao me apanhardes em vossa rede, disse Savinkov ao oficial soviético que o prendera. — Com efeito, eu suspeitava da armadilha. Mas decidi-me a vir à Rússia, fôsse como fôsse. Dir-vos-ei porque... Decidira-me a abandonar a minha luta contra vós...

Savinkov disse que os seus olhos finalmente se abriram para a inutilidade e perversidade do movimento anti-soviético. Apresentou-se perante o tribunal como um patriota russo honesto, mas desorientado, gradualmente desiludido do caráter e dos intuitos de seus companheiros.

— Com horror — declarou ele — convenci-me cada vez mais de que eles não pensavam na pátria, no povo, mas unicamente em seus interesses de classe!

Já em 1918, comunicou Savinkov ao tribunal, o embaixador francês Noulens, financiara a sua organização terrorista secreta na Rússia. Noulens ordenara a Savinkov que iniciasse a revolta em Iaroslav no começo de julho de 1918, prometendo apoio efetivo com desembarque de tropas francesas. A revolta fizera-se como fôra planejada, mas o apoio não chegou.

— De onde obtiveste dinheiro nesse tempo e quanto? — perguntou o presidente do tribunal.

— Lembro-me de que na época estava inteiramente desesperado, disse Savinkov, e não sabendo de quem pudesse obter dinheiro, sem que o solicitasse, fui abordado por alguns tchecos que me deram a importância de 200.000 rublos de Kerensky. Esse dinheiro assegurou a nossa organização na ocasião... Eles declararam o seguinte: desejavam que o dinheiro fôsse aplicado em façanhas terroristas. Eles sabiam — não oculte o fato — que eu reconhecia o terror como

meio de luta, sabiam e deram dinheiro sublinhando que deveria ser empregado principalmente em atividades terroristas.

Anos depois, continuou Savinkov, tornou-se claro para êle como patriota russo que os elementos anti-soviéticos por tôda parte não se interessavam em apoiar o seu movimento pelos objetivos do próprio movimento, mas unicamente com o intuito de obter poços de petróleo russo e outras riquezas minerais. Eles falavam freqüentemente e muito persistentemente — disse Savinkov de seus consultores britânicos — que seu desejo seria estabelecer uma Federação independente de sudeste, abrangendo o norte do Cáucaso e a Transcaucásia. Diziam que essa Federação seria apenas o comêço, e o Azerbaijã e a Geórgia ser-lhe-iam anexados posteriormente. Sentia-se em tudo isso o cheiro do petróleo.

Savinkov descreveu os seus encontros com Churchill.

— Churchill mostrou uma vez o mapa da Rússia Meridional, no qual as posições de Denikin e do vosso exército estavam assinaladas com bandeirinhas. Ainda me lembro do choque recebido quando apontando para as bandeirinhas de Denikin, êle disse subitamente: Este é o meu exército! Não repliquei, mas fiquei como petrificado no lugar. Estava para abandonar o quarto, quando pensei que se fizesse um escândalo ali e fechasse a porta sôbre mim mesmo, nossos soldados na Rússia ficariam sem botas.

— Por que razão supriam-te os franceses e inglêses com essas botas, granadas, metralhadoras e outras coisas mais? — perguntou o presidente do tribunal.

— Oficialmente, tinham êles intuítos nobilíssimos — replicou Savinkov. — Eramos aliados fiéis, vós éreis traidores, etc. . . Por trás do pano era o seguinte: No mínimo, o petróleo, que é algo de muito cobiçado. No máximo: fazer os russos brigar entre si, quanto menos sobreviverem, melhor. A Rússia será cada vez mais fraca.

O depoimento sensacional de Savinkov durou dois dias. Ele relatou tôda a sua carreira de conspirador. Denunciou os conhecidíssimos estadistas e magnatas das finanças na Inglaterra, França e outros países europeus que lhe deram assistência. Disse que se tornara o seu instrumento involuntário. — Eu vivia como se fôsse numa redoma de vidro. Não via coisa alguma a não ser a minha própria conspiração . . . Não conhecia o povo. Amava-o. Estava disposto a entregar

a minha vida por êle. Mas seus interêsses — suas reais aspirações — poderia eu ter alguma idéia disso?

Em 1923, êle começara a pressentir “a importância mundial” da Revolução Bolchevique. Começou a ter nostalgia e desejou voltar à Rússia “para ver com meus próprios olhos e ouvir com os meus ouvidos.”

— Pensei que talvez tudo quanto eu lia na imprensa estrangeira fôsse mentira — disse Savinkov. — Julgo impossível não terem feito nada pelo povo russo aquêles que ninguém conseguira vencer.

O tribunal soviético condenou Boris Savinkov à morte como traidor de sua pátria, mas por causa da inteireza do seu depoimento a sentença foi comutada para dez anos de prisão (34.)

Logo que chegaram a Paris as notícias da prisão de Savinkov e da bomba ainda maior da sua rotratação, Sidney Reilly regressou às pressas para Londres a fim de se entrevisar com os seus superiores. Aos 8 de setembro de 1924, uma alentada e extraordinária declaração de Reilly apareceu no *Morning Post*, órgão do antibolchevismo *tory* britânico. Reilly declarava que o julgamento público de Savinkov em Moscou não fôra jamais realizado. Afirmava categoricamente que Savinkov fôra realmente fuzilado ao cruzar a fronteira soviética, e que o julgamento era uma fraude colossal:

“Savinkov foi morto ao tentar atravessar a fronteira russa, e a Tcheka encenou em Moscou um julgamento simulado, a portas fechadas, com um dos agentes de Savinkov como protagonista.” (35.)

(34) Savinkov foi tratado com especial consideração pelas autoridades soviéticas na prisão. Concederam-lhe privilégios especiais, deram-lhe os livros que desejava e facilidade para escrever. Mas êle suspirava pela liberdade. Aos 7 de maio de 1925 êle escreveu um longo apêlo a Felix Dzerzhinsky, chefe da Tcheka: “Fuzile-me ou dê-me oportunidade de trabalhar”, disse Savinkov. “Fui contra vós, agora sou a vosso favor. Não posso aturar a existência mutilada de não ser nem a favor de vós nem contra vós, como simples hóspede de uma prisão.” Suplicou perdão e ofereceu-se para fazer algo que o Soviete exigisse dêle. Sua súplica foi rejeitada. Logo depois Savinkov se suicidou atirando-se de uma janela do 4.º andar da prisão.

(35) Essa era a primeira das muitas extravagantes “explicações” dadas pelos inimigos da União Soviética durante os anos seguintes à

Reilly defendia vigorosamente a firmeza de Savinkov como conspirador anti-soviético:

“Reivindico para mim o privilégio de ter sido um de seus mais íntimos amigos e dedicados companheiros, e cabe-me a sagrada incumbência de vingar a sua honra... Era eu um dos pouquíssimos que conheciam qual a intenção dele ao penetrar na Rússia Soviética... Entrevistava-me diariamente com Savinkov às vésperas de sua partida para a fronteira soviética. Fui dos seus mais íntimos confidentes e seus planos foram elaborados conjuntamente comigo.”

A declaração de Reilly concluía com um apêlo ao editor do *Morning Post*:

“Senhor, apelo para vós, cujo órgão tem sido sempre o campeão confesso do antibolchevismo e anti-comunismo, ajudai-me a reabilitar o nome e a honra de Boris Savinkov!”

Ao mesmo tempo Reilly encaminhou a Winston Churchill uma carta privada cuidadosamente redigida:

“Caro Mr. Churchill

O desastre que vitimou Boris Savinkov indubitavelmente produziu a mais penosa impressão em vós. Nem eu nem nenhum de seus mais íntimos amigos e colaboradores puderam, de há muito, obter notícias fidedignas acêrca de seu fim. Nossa convicção é de que ele tombou vítima da mais vil e audaz intriga que a Tcheka perpetrrou. Nossa opinião vem expressa na carta que eu estou mandando hoje ao *Morning Post*. Conhecedor de vosso invariavelmente gentil interesse, tomo a liberdade de remeter-vos uma cópia da mesma, para vosso governo.

Sou, caro Mr. Churchill, muito fielmente, vosso
Sidney Reilly.”

Revolução, com intuito de desacreditar as declarações feitas por conspiradores estrangeiros e traidores russos nas côrtes soviéticas de Justiça. Essas “explicações” atingem o seu clímax durante os chamados julgamentos de Moscou (1936-38.) Ver livro III.

A indiscutível autenticidade do julgamento foi, todavia, logo estabelecida, e Reilly foi obrigado a enviar outra carta ao *Morning Post*. Esta dizia:

“As informações minuciosas e em muitos casos estenografadas da imprensa sôbre o julgamento de Savinkov, apoiadas pelo testemunho de observadores fidedignos e presenciais, provaram fora de toda possibilidade de dúvidas a traição de Savinkov. Ele traiu não só os seus amigos, sua organização e sua causa, mas entregou-se deliberada e totalmente aos seus amigos. Mancomunou-se com eles para manejar o golpe mais duro possível ao movimento antibolchevique, armando-os com um trunfo político extraordinário tanto para uso interno como externo. Por seu ato Savinkov arrancou para sempre o seu nome da galeria de honra do movimento anticomunista.

Seus amigos e companheiros de outrora entristecem-se com a sua terrível e inglória defeção, mas aqueles que em circunstância alguma pactuam com os inimigos da humanidade, continuam impassíveis.

O suicídio moral de seu ex-líder é antes um incentivo a mais para cerrarem suas fileiras e “prossegui-rem.”

Vosso, etc.

SIDNEY REILLY.”

Pouco depois Reilly recebeu uma nota discreta de Winston Churchill:

“CHARTWELL MANOIR

Westerham, Kent.

15 de setembro de 1924

Caro Mr. Reilly:

Interessei-me muito pela sua carta. O acontecimento teve rumo diverso que o esperado inicialmente por mim.

Acho que não se devia julgar Savinkov tão asperamente. Ele foi colocado numa situação terrível, e somente aqueles que já enfrentaram vantajosamente um julgamento dêsses têm direito de censurar. Em qualquer hipótese, esperarei até ao fim da história, para mudar de parecer quanto a Savinkov. Muito cordialmente,

W. S. Churchill."

A publicação da confissão e testemunho de Savinkov era profundamente embaraçosa para aqueles que na Inglaterra tinham apoiado a sua causa. No meio do escândalo, Reilly despachou-se apressadamente para os Estados Unidos. Churchill retirou-se temporariamente para a sua residência de campo em Kent. O Ministério do Exterior manteve-se em discreto silêncio.

Um epílogo sensacional estava, entretanto, para sobrevir.

Pelo fim de outubro de 1924, poucos dias antes das eleições gerais, manchetes embandeiradas do *Daily Mail* de Lord Rothermere anunciaram abruptamente que a Scotland Yard descobrira uma sinistra conspiração soviética contra a Grã-Bretanha. Como prova documental da conspiração, o *Daily Mail* publicou a conhecida "Carta de Zinoviev" contendo instruções enviadas por Grigori Zinoviev, líder do Comintern Russo, aos comunistas britânicos sobre o modo de combater os *tories* nas próximas eleições.

Era a resposta *tory* à denúncia de Savinkov; e surtiu efeito. Os *tories* ganharam as eleições com um programa violentamente antibolchevista.

Alguns anos depois, Wyndham Childs da Scotland Yard afirmou que nunca houvera realmente carta alguma escrita por Zinoviev. O documento era forjado e vários agentes estrangeiros foram envolvidos em sua preparação. Ele se originara em Berlim, no gabinete do Coronel Walther Nicolai, ex-chefe do serviço secreto militar imperial germânico, e que atualmente trabalhava intimamente com o partido nazi. Sob a supervisão de Nicolai, um guarda branco báltico chamado Barão Uexkuell, que mais tarde dirigiria um serviço de imprensa nazista, estabelecera na capital germânica um secretariado especial para forjar documentos anti-soviéticos, e con-

seguir que essas invencionices obtivessem a mais larga distribuição possível e a mais eficiente publicidade.

A introdução da carta forjada de Zinoviev no Ministério do Exterior britânico e subsequente no *Daily Mail* diz-se ter sido feita por George Bell, um misterioso agente internacional. Bell figurava na lista dos credores do magnata anglo-holandês de petróleo, Henri Deterding.

CAPÍTULO X

RUMO À FRONTEIRA FINLANDESA

1. Antibolchevismo na Broadway

Uma delegação de russos brancos estava no cais para saudar o *New Amsterdam*, o navio que trazia o Capitão Sidney Reilly e sua esposa para a América, no verão de 1924. Havia flôres, champanha e discursos inflamados, saudando o "herói da cruzada antibolchevique."

Reilly sentiu-se logo à vontade nos E.U.A. Discutia-se amplamente um empréstimo americano à Rússia Soviética. Poderosos homens de negócio eram pelo empréstimo; e o governo soviético, ansioso por conquistar a amizade da América, e necessitando desesperadamente de capital e maquinaria para reorganizar a sua economia desmantelada, vinha fazendo concessões para obtê-lo.

"Havia belas perspectivas para o Soviete obter o empréstimo", recordava Mrs. Reilly mais tarde. "Sidney estava decidido a impedi-lo. Grande parte de seus trabalhos na América era feito no intuito de frustrar êsse empréstimo."

Reilly imediatamente entrou em luta contra o empréstimo proposto. Montou um escritório na Broadway, o qual se transformou rapidamente em Q. G. dos conspiradores anti-soviéticos e russos brancos residentes nos Estados Unidos. Grande quantidade de propaganda anti-soviética saía do gabinete de Reilly endereçada aos editôres influentes, publicistas, educadores, políticos e homens de negócio dos Estados Unidos. Reilly empreendeu uma *tourné* de conferências pelo país, para informar o público acêrca do "perigo do bolchevismo e sua ameaça à civilização e ao comércio mundial." Promoveu uma série de "palestras confidenciais" com pequenos

grupos seletos de homens da Wall Street e industriais abastados em várias cidades da América.

"Quer por meio de conferências públicas como por atividades na imprensa", escreveu a Senhora Reilly, "Sidney lutava contra o empréstimo bolchevique. E é desnecessário afirmar que de revelação em revelação, de descoberta em descoberta, obteve uma vitória completa, e o empréstimo soviético nunca se materializou." (36.)

Sabotar o empréstimo à Rússia não foi a atividade anti-soviética principal de Reilly nos Estados Unidos. Seu empreendimento principal era criar no solo americano um ramo da Liga Internacional Antibolchevique, que prestasse poderoso apoio às diversas conspirações anti-soviéticas que ele vinha promovendo na Europa e na Rússia. Havia ramificações da liga de Reilly operando em Berlim, Londres, Paris e Roma, bem como através do *cordão sanitário* dos Estados Bálticos e Balcânicos. No Oriente remoto fôra fundado um ramo da liga em Harbin, Manchúria, financiada pelo Japão e sob a direção do notório terrorista cossaco Ataman Semyonov. Nos E.U.A. não existia nenhum aparelho organizado dessa natureza. Havia, entretanto, material excelente com o qual criá-lo.

Os amigos russos brancos de Reilly apresentaram-no logo às rodas americanas influentes e abastadas, que poderiam despendar largas somas para financiar a campanha anti-soviética.

"No que concerne ao dinheiro", escrevia Reilly nesse ano, em carta confidencial, a um de seus agentes na Europa, "é aqui o melhor mercado para tal empresa, e só aqui. Mas para obter dinheiro a gente tem de vir aqui com um plano bem definido e plausível, e com argumentos bastante substanciais que provem ser uma minoria capaz de, dentro de um tempo razoável, empreender e levar a cabo uma reorganização do negócio."

(36) Não se pode creditar somente a Sidney Reilly tal vitória contra a Rússia Soviética. Outros houve nos E.U.A. não menos ferrenhos e que lutaram não menos enérgicamente para impedir o empréstimo. Entre eles figura Herbert Hoover, então secretário do Comércio, cuja animosidade contra os bolcheviques era incansável. "A questão de comércio com a Rússia", informava Hoover a Maxim Litvinov em 31 de março de 1921, "é mais política do que econômica, enquanto a Rússia se mantiver sob o controle dos bolcheviques."

“O interesse de uma minoria”, a que Reilly se referia em sua linguagem cifrada, era o movimento anti-soviético na Rússia. A “reorganização do negócio” é a derrocada do governo soviético. Reilly acrescentava:

“Com tais premissas, seria possível a gente aproximar-se aqui, na primeira vez, do maior industrial de automóveis, o qual poderia interessar-se pelas concessões, uma vez que se lhe desse prova (não simplesmente uma promessa) de que as concessões renderiam. Uma vez conquistado o interesse, a questão de dinheiro poderia considerar-se resolvida.”

Conforme as memórias da Senhora Reilly, o seu marido se referia a Henry Ford.

2. Agente B1

O líder do movimento emigrado branco anti-soviético nos E.U.A. era um ex-oficial czarista, o Tenente Boris Brasol, ex-agente da Ochrana que já atuara como advogado de acusação da Suprema Corte de S. Petersburgo. Ele viera aos E.U.A. em 1916, como representante russo à conferência interaliada em Nova Iorque, e depois disso permanecera na América como agente especial czarista.

Homem pequeno, pálido, nervoso, efeminado, testa oblíqua, nariz saliente, olhos escuros e meditativos, Brasol era afamado como violento e incansável propagandista anti-semita. Em 1913, ele desempenhava papel preponderante no famoso caso Beilis, em que a polícia secreta czarista tentara provar que os judeus praticavam assassinio ritual e tinham matado um jovem cristão em Kiev, por instinto de sangue (37.)

(37) “Fui eu o segundo e maior investigador preliminar na Rússia”, relatou Brasol a um jornalista que o entrevistou após a sua chegada aos Estados Unidos. “Eu investiguei crimes por toda a Europa por ordem do governo. Na Suíça, Alemanha, França e Inglaterra fiz-me perito em investigação criminal.” O jornalista americano perguntou a Brasol se acreditava que os judeus cometessem assassinio ritual. “Como não?” respondeu Brasol. Mais tarde o jornalista descreveu sua impres-

Depois da revolução, Brasol formara a primeira organização conspirativa russo-branca nos E.U.A. Chamava-se a União dos Oficiais do Exército e da Esquadra Czarista e era largamente integrada por antigos membros dos Cem Negros emigrados para a América. Em 1918 o grupo de Brasol estava em estreito contacto com o Departamento de Estado, munindo-o de dados espúrios e falsas informações em que o Departamento de Estado baseou a sua opinião acêrca da autenticidade dos fraudulentos "Documentos Sisson" (38.)

Alegando ser um perito de negócios russos, Brasol conseguiu lugar no serviço secreto dos E.U.A. Como agente "B 1" dos E.U.A., um dos primeiros atos de Brasol foi conseguir de Natalie De Bogory, filha de um ex-general czarista, uma tradução inglesa dos "Protocolos dos Sábios de Sião", infame invencionice anti-semita que fôra usada na Rússia Imperialista pela polícia secreta czarista para provocar enormes *pogroms* contra os judeus, e que o emigrado czarista Alfredo Rosenberg fizera circular largamente em Munique. Brasol introduziu a tradução dos "Protocolos" nos E.U.A. como um documento autêntico capaz de "explicar a Revolução Russa."

Para obter o apoio dos russos brancos e convencer os americanos de que a Revolução Bolchevique era parte de uma "conspiração judaica internacional", Brasol começou divulgando os "Protocolos" nos E.U.A. Ele ampliou a propaganda czarista com literatura anti-semita de sua própria lavra. No comêço de 1921, foi publicado em Boston um livro de Brasol intitulado *A Encruzilhada do Mundo*. A obra afirmava que a revolução russa fôra instigada, financiada e chefiada pelos

são pessoal da entrevista. "Eu me sentia mal — disse êle — ao ver-me sentado com êsse discípulo dos Cem Negros Russos e ouvi-lo em pleno século XX, narrar friamente a crueldade medieval dos escudeiros czaristas."

(38) Os chamados "Documentos Sisson," pretendendo provar que Lênin e outros líderes soviéticos eram pagos pelo alto comando alemão, foram publicados e distribuídos nos E.U.A. pelo Departamento de Estado após a Revolução Bolchevique. Os documentos, originariamente oferecidos à venda por russos brancos tinham sido rejeitados pelo serviço secreto britânico como vergonhosamente forjados. Edgar Sisson, oficial do Departamento de Estado, procurou os documentos e os trouxe a Washington. Posteriormente a falsidade desses documentos foi definitivamente estabelecida.

judeus. A queda do czar e suas conseqüências internacionais, escrevia Brasol, foram parte de um "sinistro movimento do qual participaram todos os judeus do mundo e também Mr. Wilson."

A 1 de julho de 1921, Brasol era capaz de vangloriar-se, numa carta escrita a outro emigrado nos E.U.A., Major-general Conde V. Tcherep-Spirodovitch:

"No último ano escrevi três livros que causaram mais prejuízo aos judeus do que dez pogroms."

Tcherep-Spirodovitch era um propagandista anti-semita extraordinariamente consciente. Além do que, recebia recursos financeiros de um famoso industrial americano. O nome desse industrial era Henry Ford.

Boris Brasol vivia, pois, na intimidade dos agentes da Ford Motor Company, e confiara ao magnata do automóvel os originais dos "Protocolos..."

3. Cem Negros em Detroit

Realizara-se nos E.U.A. uma aliança sinistra entre os emigrados czaristas de mentalidade semifudal e os famosos industriais americanos que tinham desenvolvido os métodos mais modernos de produção na guerra...

O fim da guerra veio encontrar Henry Ford agastado e desiludido. O projeto quixotesco do Navio da Paz, que Ford enviara à Europa durante a guerra, transformara-se num fiasco absurdo; e o fabricante de automóveis caíra no ridículo conseqüentemente. Ele andava, além do mais, profundamente ressentido pelo fato de ter experimentado considerável dificuldade em obter um empréstimo em Wall Street para a planejada expansão de sua indústria. Homem tão inculto quanto tecnicamente talentoso, Ford prestou ouvidos atentos aos russos brancos quando vieram a ele para lhe contar que os judeus eram os verdadeiros culpados de seus problemas. Como provas disso exibiram-lhe os "Protocolos dos Sábios de Sião." Após cuidadoso exame dos "Protocolos", Ford chegou à conclusão de que eles ofereciam a explicação a

tôdas as suas dúvidas. Decidiu-se a dar ampla divulgação à invenção anti-semita reimprimindo-a em seu jornal *Dearborn Independent*.

O resultado foi que os aristocratas russos anti-soviéticos, terroristas da Guarda Branca, Cem Negros, *pogromistas* e ex-agentes da polícia secreta czarista, emigrados nos E.U.A. depois da Revolução, arribaram para as fábricas Ford em Detroit. Eles convenceram Henry Ford de que o próprio governo dos E.U.A. estava sob a ameaça de uma "conspiração judaica" revolucionária, e de que os grupos e indivíduos liberais americanos eram com efeito "frentes judaicas." Sob essa experimentada supervisão, nutrida e respeitada pela posição e riqueza de Ford, formou-se uma tremenda e completa organização secreta para espionagem dos elementos liberais americanos, a fim de promover projetos reacionários e anti-soviéticos, coligir intrigas anti-semitas e divulgar a propaganda antijudaica nos Estados Unidos.

O Q. G. dessa organização foi a Companhia Ford. Seus membros eram conhecidos por números especiais de código secreto. O secretário privado de Ford, E. G. Liebold, era 121 X. W. J. Cameron, editor do *Dearborn Independent*, era 122 X. Natalie de Bogory, que como assistente de Brasol traduzia os "Protocolos" para o inglês, era 29 H.

A organização de Ford penetrou em todos os recantos da vida americana. Seus agentes atuavam nos jornais influentes, nas universidades famosas, em corporações conhecidíssimas e até mesmo em agências do governo dos E.U.A. O Dr. Harris Houghton, antigo membro do serviço de informações militar dos E.U.A. chefiava o chamado Serviço de Detetives de Ford, departamento especial do aparelho conspirativo. O número de código do Dr. Houghton era 103 A. A função principal do serviço de detetives era a de obter dados acêrca de liberais americanos proeminentes para os fins de propaganda anti-soviética e anti-semita. Entre os nomes investigados que figuravam na lista negra do serviço de detetives estavam os de Woodrow Wilson, Coronel Raymond Robins, Reverendo John Haynes Holmes, Helen Keller, os juizes Hughes e Brandeis. Segundo informações do serviço de detetives êsses indivíduos e grupos afins vinham sendo utilizados na "conspiração judaica" para subverter o governo americano.

As descobertas do serviço de detetives foram publicadas no *Dearborn Independent* de Ford, que ao mesmo tempo estava publicando em série os "Protocolos dos Sábios de Sião." Eis um comentário típico a respeito de Woodrow Wilson:

"Mr. Wilson, quando presidente, estava intimamente ligado aos judeus. Seu ministério, como todos sabem, era predominantemente judeu. Como antigo presbiteriano, Mr. Wilson adotava ocasionalmente um modo de pensar cristão durante as suas declarações públicas, sendo então rigidamente repreendido por seus censores judaicos."

Uma história acérca de William Howard Taft no *Dearborn Independent* concluía com êste parágrafo:

"É essa a história dos esforços de William Howard Taft para enfrentar os judeus e de como êles o dominaram. É uma história provavelmente digna de se conhecer, dado o fato de se ter tornado uma daquelas "frentes gentílicas" de que os judeus se utilizam para a sua própria defesa."

Agentes especiais da organização de Ford eram enviados além-mar e viajavam milhares de milhas para coligir novas calúnias e invencionices contra os judeus. Um desses agentes, um russo branco chamado Rodionoff, partiu para o Japão a fim de obter material especial de propaganda anti-semita da colônia russo-branca domiciliada ali. Antes de partir dos E.U.A. Rodionoff cabografou a Charles W. Smith, membro influente da organização de Ford:

"Minhas condições são as seguintes: Durante seis meses eu lhe fornecerei com exclusividade material contratado. Você adiantará mensalmente 1.500 dólares americanos pagáveis no Banco de Yokohama. Você pagará o material já fornecido.

Rodionoff."

Descrevendo a situação que se desenvolvera na Companhia Ford, Norman Hapgood, famoso jornalista americano, mais tarde ministro na Dinamarca, escreveu:

“Na atmosfera em que trabalhavam os detetives de Ford, falava-se de verdadeiros *pogroms* que haviam de sobrevir no país. Com efeito, no círculo de Ford, manifestaram-se exatamente os mesmos sintomas que existiam na Rússia nos dias dos Cem Negros... Politicamente, isso significava que a história se estava repetindo. Como Brasol era neste país o cabeça dos russos expatriados que tentavam repor os Romanovs no trono, isso significava que a perseguição de Ford, com a lógica dos acontecimentos, filiar-se à cruzada multissecular que os déspotas da Europa tinham instigado reiteradamente, com intuito de inflamar, em favor dos seus propósitos, o fanatismo religioso das massas ignorantes.”

Como Henri Deterding na Inglaterra e Fritz Thyssen na Alemanha, o rei americano do automóvel, Henry Ford, identificara-se com o antibolchevismo mundial e com o fenómeno rapidamente crescente do fascismo. Segundo o que afirmou publicamente Auer, vice-presidente da Dieta Bávara, em 8 de fevereiro de 1932, na edição do *New York Times*:

“A Dieta Bávara foi de há muito tempo informada de que o movimento de Hitler é parcialmente financiado por um líder anti-semita americano, Henry Ford. O interesse de Mr. Ford no movimento anti-judaico bávaro começou há um ano, quando um dos agentes de Mr. Ford entrou em contacto com Dietrich Lichart, nacionalista exaltado. O agente regressou à América e imediatamente o dinheiro de Mr. Ford começou a chegar a Munique... Herr Hitler gaba-se abertamente do apoio de Mr. Ford e enaltece-o, não como um grande indivíduo, mas como um grande anti-semita.”

Numa repartição acanhada, inexpressiva, à Rua Cornelius, em Munique, que era o Q. G. de Adolfo Hitler, uma fotografia singelamente emoldurada pendia da parede. Era o retrato de Henry Ford.

4. O fim de Sidney Reilly

Logo após a sua chegada aos E.U.A., Sidney Reilly começara a trabalhar em íntima colaboração com os agentes da organização anti-semita e anti-soviética de Ford. Com a assistência destes ele compilou “uma lista completa de todos quantos vinham trabalhando secretamente pela causa bolchevique na América.” (39.)

Com os esforços de Reilly, estabeleceu-se o contacto entre o movimento anti-semítico e antidemocrático nos E.U.A. e os ramos da Liga Antibolchevique Internacional na Europa e na Ásia. Na primavera de 1925 estava finalmente criada a estrutura básica para uma propaganda fascista internacional e para um centro de espionagem operando sob a máscara de “antibolchevismo.”

Enquanto isso, Reilly mantinha estreito contacto com seus agentes na Europa. De Reval, Helsinque, Roma, Berlim e outros centros de intriga anti-soviética chegava-lhe regularmente a correspondência. Grande parte dessa correspondência, endereçada para a Broadway, ou era cifrada, ou escrita em tinta invisível no dorso de cartas comerciais aparentemente inócuas.

As comunicações continham minuciosas informações acerca de cada novo desenvolvimento do movimento anti-soviético europeu. A *debacle* de Savinkov desmoralizara temporariamente grandes secções do movimento. Os Guardas Verdes tinham-se dispersado em pequenos grupos soltos de bandidos e terroristas profissionais. Ciúmes e mútuas suspeitas vinham contribuindo com sua parte para a desorganização de outros grupos anti-soviéticos. Parecia que a grande contra-revolução iria esmorecer por algum tempo.

“Sidney via perfeitamente”, recorda a Senhora Reilly, “que a contra-revolução tinha de partir da Rússia, e que todo

(39) Essa lista, que incluía os nomes de todo americano destacado que dissera alguma coisa em favor da Rússia Soviética, deveria ser utilíssima para os agentes fascistas e nazistas americanos nos anos posteriores. A propagandista anti-semita, Elizabeth Dilling, baseou-se mais tarde nessa e em outras listas semelhantes, para compilar sua famosa *Réde Vermelha*. George Sylvester Viereck o Coronel Emerson, Oscar Pfaus e outros agentes nazistas e quinta-colunistas nos Estados Unidos fizeram uso idêntico desses dados em seus trabalhos de propaganda.

êsse trabalho de fora poderia quando muito criar uma hostilidade exterior e passiva contra os Sovietes. Frequentemente êle era procurado para auxiliar as organizações em Moscou, como fôra aconselhado por Drebkov em Londres, mas procedia cautelosamente...

No comêço dessa primavera, Reilly recebeu uma carta de Reval, Estônia, que o entusiasmou enormemente. A carta, cifrada, era de um velho amigo, o comandante E., que servira com êle no Serviço Britânico de Informações durante a Guerra Mundial, e que estava agora adido ao serviço consular britânico em um dos países bálticos. A carta, datada de 24 de janeiro de 1925, começava assim:

“Caro Sidney:

Você deverá ser procurado em Paris por duas pessoas. Krachnochtanov marido e mulher. Eles dirão que possuem notícias da Califórnia e lhe entregarão uma nota que consiste em um verso do Omar Kháyym (*sic*), do qual você se recordará. Se lhe interessar o negócio dêles, você os convidará a ficar. Se não interessar, você dirá apenas “muitíssimo obrigado, bom dia.”

No código usado pelo comandante E. e Reilly, “Krachnochtanov” significava um agente anti-soviético chamado Schultz e sua mulher; “Califórnia” era a União Soviética; o “verso de Omar Khayyam” era uma mensagem especial em código secreto. O comandante E. continuava:

“Agora, quanto ao negócio. Eles são representantes de uma firma que possui tôda probabilidade de enorme influência futura nos mercados europeus e americanos. Eles não afirmam que o seu negócio se desenvolverá plenamente nestes dois anos, *mas podem surgir circunstâncias que lhe dêem o ímpeto desejado em futuro próximo*. É um negócio muito importante acêrca do qual é bom não falar...”

O comandante E. prosseguiu dizendo que “um grupo alemão” estava muito interessado em participar do negócio

e que “um grupo francês” e um “grupo inglês”, estavam ativamente envolvidos nêle.

Referindo-se mais uma vez à “firma”, que êle indicava como operando na Rússia, o comandante E. escrevia:

“Eles recusam-se a revelar no momento o nome do homem que está por detrás dessa empresa. O máximo que lhe posso comunicar é que algumas das principais pessoas são membros dos grupos de oposição. Você pode, diante disso, compreender a necessidade de sigilo... Estou apresentando êste projeto a você, pensando que êle possa talvez substituir o outro grande plano que você elaborou, mas que falhou de maneira tão desastrosa.”

Sidney Reilly e sua mulher deixaram Nova Iorque aos 6 de agosto de 1925. Chegaram a Paris no mês seguinte e Reilly procurou logo entrar em contacto com os Schultzs, acerca dos quais o comandante E. tinha escrito. Eles descreveram a situação dentro da Rússia, onde, desde a morte de Lênin, o movimento de oposição associado com Leon Trotsky fôra transformado numa organização subterrânea destinada a derribar o regime de Stálin.

Reilly convenceu-se logo da grande importância dêsses novos desenvolvimentos. Ficou ansioso por conseguir contacto pessoal, o mais breve possível, com os líderes da facção anti-stalinista na Rússia. Foram trocadas mensagens entre os agentes secretos. Assentou-se finalmente que Reilly deveria encontrar-se com um importante representante do movimento na fronteira soviética. Reilly partiu para Helsinque a fim de ver o chefe do estado-maior do exército finlandês, um dos seus íntimos amigos pessoais e membro de sua Liga Anti-bolchevique, que deveria dar as providências necessárias para conduzi-lo através da fronteira soviética.

Logo depois, Reilly escreveu à sua espôsa, que permanecera em Paris: “Há algo de real e inteiramente novo, empolgante e digno de levar a gente à Rússia.”

Uma semana depois, aos 25 de setembro de 1925, Reilly despachou uma nota apressada à sua espôsa, de Viborg, na Finlândia, dizendo:

“É absolutamente necessário que eu vá por três dias a Petrogrado e Moscou. Parto hoje à noite e voltarei terça-feira de manhã. Quero que você saiba que eu não empreenderia essa viagem se não fôsse absolutamente essencial, e se eu não estivesse convicto de que praticamente não há nenhum risco a correr. Estou escrevendo esta carta unicamente para o caso improbabilíssimo de que me sobrevenha um infortúnio. Se isto acontecesse, você não deveria tomar providência alguma; esta me valeria pouco, e poderia alarmar os bolcheviques e levá-los a descobrir a minha identidade. Se por acaso eu fôsse prêso na Rússia, seria apenas por alguma acusação sem importância e meus novos amigos são bastante poderosos para conseguirem a minha libertação.”

Era essa a última carta que escreveria o Capitão Sidney Reilly, do serviço secreto britânico.

Decorridas várias semanas, como a Senhora Reilly ainda não recebesse uma palavra do seu marido, dirigiu-se a Marie Schultz, aliada de Reilly em Paris. A Senhora Reilly lembrou essa entrevista mais tarde, em suas memórias.

“Quando o seu marido chegou aqui, disse a Senhora Schultz à Senhora Reilly, eu lhe comuniquei o estado exato dos acontecimentos, como interessavam à nossa organização. Temos a nosso favor alguns dos principais funcionários bolcheviques em Moscou, ansiosos para darem cabo do atual regime, contanto que possam sair disso sãos e salvos.”

“O Capitão Reilly”, continuou a Senhora Schultz, “no começo permanecera cético. Ele disse que o auxílio estrangeiro para uma nova aventura contra a Rússia Soviética, só se conseguiria se o grupo conspirativo dentro do país tivesse alguma pujança real.”

— Eu lhe asseguro — disse a Senhora Schultz, “que a nossa organização na Rússia é poderosa, influente e coesa.”

A Senhora Schultz continuou relatando como se combinara um encontro entre Reilly e representantes do movimento conspirativo russo em Viborg, Finlândia. “O Capitão Reilly impressionou-se muito com eles”, disse a Senhora Schultz, “particularmente com o seu chefe, um funcionário bolchevique

altamente colocado, que, disfarçadamente, é um dos mais ardorosos inimigos do atual regime."

No dia seguinte, acompanhado por guardas de uma patrulha finlandesa especialmente designados para essa tarefa, Reilly e os conspiradores russos encaminharam-se para a fronteira. "De minha parte," relatou a Senhora Schultz, "fui até à fronteira para lhes desejar boa sorte." Eles permaneceram num forte finlandês à margem de um rio até ao cair da noite. "Esperamos por um longo tempo enquanto os finlandeses espreitavam ansiosamente a patrulha vermelha, mas tudo estava quieto. Finalmente um dos finlandeses descou cautelosamente na água, nadou metade e andou outra metade do rio. Seu marido acompanhou..."

Foi essa a última vez que a Senhora Schultz viu o Capitão Reilly.

Ao acabar a sua narrativa, Madame Schultz entregou à Senhora Reilly um recorte do jornal russo, *Izvestia*. Estava escrito:

"Na noite de 28-29 de setembro, quatro contrabandistas tentaram atravessar a fronteira finlandesa, pelo que dois deles foram mortos, um soldado finlandês foi prêso e o quarto veio a morrer gravemente ferido."

Os fatos, como se soube depois, foram os seguintes: Reilly atravessara com êxito a fronteira soviética e entrevistara alguns membros da oposição anti-stalinista russa. De volta, ao atingir a fronteira finlandesa, ele e seus guardacostas foram subitamente detidos por uma unidade dos guarda-fronteiras soviéticos. Reilly e os outros tentaram escapar. Os guarda-fronteiras abriram fogo. Uma bala feriu Reilly na testa, matando-o instantaneamente.

Poucos dias depois, as autoridades soviéticas identificaram o "contrabandista" morto. Quando o fizeram, anunciaram normalmente a morte do Capitão Sidney George Reilly, do serviço secreto britânico.

O *Times* de Londres redigiu seu obituário em duas linhas: *Sidney George Reilly, morto aos 28 de setembro pela G.P.U. na aldeia de Allekul, na Rússia.*